



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE ARTES VISUAIS

Thaysa Alarcão Lemos

o vermelho que habito

GOIÂNIA

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo da autora: **Thaysa Alarcão Lemos**

Título do trabalho: **O vermelho que habito**

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2024, às 18:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Thaysa Alarcão Lemos, Discente**, em 11/12/2024, às 23:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5031754** e o código CRC **4EA95DF8**.

Referência: Processo nº 23070.015726/2024-02

SEI nº 5031754

Thaysa Alarcão Lemos

o vermelho que habito

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao curso de graduação Artes Visuais Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues.

GOIÂNIA

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lemos, Thaysa Alarcão
O vermelho que habito [manuscrito] / Thaysa Alarcão Lemos. -
2024.
90 f.

Orientador: Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,
Goiânia, 2024.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui fotografias.

1. Prática artística autobiográfica. 2. Prática artística curativa. 3.
Vermelho. 4. Habitar. 5. Corpo. I. Rodrigues, Manoela dos Anjos
Afonso, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 9 dias do mês de dezembro do ano de 2024 iniciou-se, às 11h45, no Auditório da FAV/UFG, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **O vermelho que habito**, de autoria de **Thaysa Alarcão Lemos**, estudante do curso Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os trabalhos foram instalados pela orientadora e presidente da banca, Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (FAV/UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Dra. Flávia Leme de Almeida (FAV/UFG) e Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota (N2) à estudante, com base nos critérios presentes na Ficha de Avaliação do TCC, considerando o TCC **Aprovado**. A banca destaca a relevância dos resultados artísticos e sugere que sejam exibidos no circuito das artes. Recomenda, ainda, a continuidade da pesquisa em nível de pós-graduação.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Manoela Dos Anjos Afonso Rodrigues, Professor do Magistério Superior**, em 09/12/2024, às 16:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2024, às 05:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavia Leme De Almeida, Professora do Magistério Superior**, em 10/12/2024, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5010235** e o código CRC **352966A8**.

às águas
presentes ao longo de toda essa jornada

AGRADECIMENTOS

A todas as professoras/es que conheci ao longo da graduação, pelos aprendizados e experiências de vida compartilhadas. Em especial, Adriana Mendonça, Ana Lúcia Beck, Eliane Chaud, Flavia Leme, Glayson Arcanjo, Manoela Rodrigues, Odinaldo Costa e Wolney Fernandes (EMAC/UFG).

Aos colegas do Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas - NuPAA por todas as trocas, pelo afeto e pelo lugar seguro para o debate dos nossos processos e das nossas inspirações mais íntimas.

À minha orientadora pelo acolhimento, por aceitar embarcar comigo nessa jornada e fortalecer minha trajetória na pesquisa.

À banca examinadora por aceitar colaborar ainda mais no meu processo artístico e de formação.

Às irmãs da Arapuá - Clarissa Fleury, Giovanna Peixoto, Heloísa Lemos, Rafaela Dourado, Stella Vitória - pelo apoio incondicional, pela companhia, pela assistência, pelo fortalecimento e pelo empoderamento diários.

Aos discentes/colegas de percurso com quem caminhei junto por essa jornada em diferentes momentos e com quem troquei tantos desabafos artísticos. Em especial, Badu, Emanuel Barcelos e Rafaela Dourado – a pesquisadora dos sentimentos da cor que atuou como co-orientadora informal na minha pesquisa, e algumas vezes como terapeuta também, desde os primeiros debates sobre o vermelho e sobre os processos artísticos lá nos corredores da Bienal de São Paulo.

A todas as irmãs que me chegaram pelas conversas de corredor, pelas confraternizações, pelo trabalho, pelas orientações, pelos processos artísticos, pela música, pela poesia, pela ancestralidade feminina.

A todas as memórias que permaneceram, que me rasgaram o peito e igualmente me preencheram, que floresceram e me fortaleceram.

Ao breu, à luz e ao vermelho.

RESUMO

Esta é uma pesquisa autobiográfica em arte que se apoia na escrita curativa para investigar a atuação do vermelho no meu processo artístico. Inspirada em poetas que escrevem para outras mulheres sobre cura, passando pelo fortalecimento de si através do acolhimento, do resgate do amor próprio e do conceito de corpo-casa, transfiro esse fortalecimento para a minha produção criando universos seguros em que eu possa habitar. Busco alimentar imagens curativas na mesma medida em que elas me alimentam com palavras curativas, mas entendendo que a materialidade que mais me atrai e me ampara nesse momento é o vermelho, por isso ele se torna recorte dessa pesquisa. Através do vermelho, me aproximo dos autorretratos e desenhos expandidos da artista Julia Panadés, encontrando aqui novamente uma conexão com a palavra. Me aproximo do corpo-casa e da dor na artista Louise Bourgeois, encontrando conexões também com a instalação. Especificamente através da linha vermelha, me aproximo das questões de identidade e pertencimento trabalhadas pela artista Adrianna Eu, encontrando aqui também uma conexão com a instalação e uma ponte com o corpo em campo expandido da autora Viviane Matesco. Neste momento, considero as noções de pesquisa autobiográfica em arte de Manoela A. A. Rodrigues e de escrita curativa conforme os estudos de Geruza Zelnys.

Palavras-chave:

Prática artística autobiográfica. Prática artística curativa. Vermelho. Habitar. Corpo.

ABSTRACT

This is an autobiographical art research project that draws on healing writing to explore the role of red in my artistic process. Inspired by poets who write to other women about healing—fostering self-strengthening through care, the recovery of self-love, and the concept of the body-as-home—I channel this empowerment into my practice by creating safe universes where I can dwell. I seek to nurture healing images just as they nurture me with healing words, recognizing that the materiality that most attracts and supports me at this moment is red, which therefore becomes the focus of this research. Through red, I engage with the self-portraits and expanded drawings of artist Julia Panadés, finding yet again a connection with the word. I connect with the body-as-home and pain in the work of artist Louise Bourgeois, discovering ties to installation art as well. Specifically through the red thread, I approach the themes of identity and belonging explored by artist Adrianna Eu, establishing connections with installation art and a bridge to the expanded field of the body, as conceptualized by Viviane Matesco. At this point, I consider the notions of autobiographical art research developed by Manoela A. A. Rodrigues and the concept of healing writing as studied by Geruza Zelnys.

Keywords:

Autobiographical artistic practice. Healing artistic practice. Red. Dwelling. Body.

SUMÁRIO

<i>prólogo</i>	9
<i>submersa</i>	16
<i>afuentes</i>	30
<i>cachoeiras</i>	53
<i>epílogo</i>	75

prólogo

*correntezas virão
e espalharão labirintos de mim*



Figura 1 (página anterior). Thaysa Alarcão. Processos com cordão de algodão vermelho no contexto da obra Nós. 2024. Experimentações com cordão em instalação, fotografia e videoperformance. Acervo da artista.

Do chão vermelho daquelas terras interioranas. Do barro. Da cerâmica artesanal. Das rosas no jardim. Dos botões. Das linhas. Dos retalhos. Das unhas. Das telhas aparentes. Do sangue pulsante. Das feridas em carne viva. Essa é uma casa intensamente bonita. Nem todos entenderão, mas abro-a mesmo assim, ainda que parcialmente, para convidá-los a habitar comigo o meu vermelho.

No âmbito de uma disciplina de conclusão formativa, esta pesquisa ainda assim se configura como meio. Parto de processos que surgiram na infância, se desenvolveram no amadorismo, se anunciaram como foco possível de investigação na iniciação científica desta graduação, criaram conexões aqui, nesta etapa de conclusão, e já se estendem para o desejo de continuidade da pesquisa. Mas há outro meio a se considerar, além desse temporal.

Essa pesquisa em arte existe num entre-processos multidisciplinar. Além da criação dos trabalhos artísticos, houve sempre um processo de atração pela música, na terapia das

harmonias provocativas, seguida da atração pela palavra. Poesias cantadas no universo musical que depois se tornaram apenas poesias. Mas de um tipo específico, aquelas que remetiam a processos de amparo/cura. Passou a existir, portanto, uma conexão mais direta com a palavra, primeiro a partir da poesia curativa de Ryane Leão e Rupí Kaur, depois da poesíá mandigueira¹ de Janaina Portella, chegando à escrita curativa² de Geruza Zelnys, depois de passar também pela escrita como obra visual de Julia Panadés.

Por trás da palavra, o que havia ali era um fortalecimento de si através do acolhimento, do resgate do amor próprio, do conceito de corpo-casa, do empoderamento feminino. E enquanto elas me alimentavam com palavras curativas, meu processo artístico devolvia obras em vermelho. Vermelho na pintura, vermelho na fotografia, vermelho na colagem, vermelho no objeto, vermelho na instalação, vermelho na gravura, vermelho na cerâmica. E quando, ainda assim, eu recusei enxergar, vermelho no cordão de algodão, convocando na materialidade os meus elementos

¹ O termo “Poesíá Mandigueira” é como a escritora define as suas poesias. A lya Janaína Portella também se define artecurandeira.

² Na escrita curativa, Zelnys, que além de escritora tem também formação em Esquizoanálise, estimula o encontro da voz autoral dando voz a um sentir do corpo e com o corpo, privilegiando a *autopoiesis*, e tratando o papel como um espaço seguro para os embates com o trauma. Zelnys ministra o curso de Escrita Curativa desde 2014.

autobiográficos (Tvardovskas, 2010)³ mais profundos. Da roda de fiar da minha bisavó, passando pelas costuras da minha avó e pelos bordados da minha mãe e tia, o fio vermelho para me guiar no caminho de volta para casa. O que eu procurei sempre esteve dentro de mim, nas memórias mais profundas da primeira infância, onde já havia o vermelho presente, e não era o vermelho da dor. Essa pesquisa se desenha, então, a partir do vermelho presente, da aceitação desse potente ativador para observar sua atuação dentro do meu processo artístico.

O que é essa atração pelo vermelho? Que vermelho é esse? Por que essa sensação crescente de pertencimento? O que está se movendo aqui dentro a partir do vermelho? Para refletir sobre essas questões, considero, nesta pesquisa, as noções de pesquisa autobiográfica em arte de Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (2021) e de escrita curativa conforme os estudos de Geruza Zelnys (2021), me dedicando à criação dos trabalhos e à escrita do diário de processos num primeiro momento, seguindo para o diálogo com o referencial artístico e teórico num segundo momento. É importante destacar que, ainda que de maneira menos direta, compôs a metodologia dessa pesquisa o meu

tratamento psicoterapêutico de dessensibilização e reprocessamento de imagens traumáticas – Terapia EMDR.

A produção dos trabalhos aconteceu em dois momentos. No primeiro, eu produzi em casa, onde tenho meu ateliê e escritório; território confortável no qual já venho produzindo há alguns anos, porém um espaço com interferências já que eu não moro sozinha e o escritório abraça atividades do trabalho em arquitetura. No segundo momento, me propus a uma imersão no vermelho, por duas semanas, no espaço expositivo disponível para os alunos de artes visuais na faculdade, a galeria/laboratório de exposições ExpoLab. Sair da minha zona de conforto no ateliê para esse outro espaço me possibilitou trabalhar com o vermelho sem interferências e com a neutralidade do cubo branco, além da provocação da mudança em si. Houve uma dúvida, no início, se seria uma ocupação ou uma residência artística, mas por se tratar de um momento de pesquisa, desenvolvimento e experimentação, sem interação com o público, entendi como residência artística individual, e intitulei de *Habitar o vermelho*. Não houve um planejamento prévio dos trabalhos que seriam desenvolvidos ali. Eu levei os materiais principais com os quais vinha trabalhando (canetas, aguadas e cordão vermelho, e papéis camurça e vegetal) e me

³ Referência inserida nas minhas reflexões durante a disciplina Experimentações Biográficas na Pesquisa, na Arte e na Educação, a qual cursei como aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – Mestrado, em 2023/2.

abri aos desejos da experimentação nesse ambiente de imersão e movimento, tão importantes para a minha prática. A residência aconteceu de 19/08 a 04/09/2024, período em que produzi a portas fechadas no espaço, com um informativo da atividade fixado na porta externa. Ao fim do período, tratei aquela produção como site specific e, sob o mesmo título, abri para trocas sobre o processo artístico com pesquisadores do Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas (NuPAA/UFG/CNPq), no dia 02/09. E nos dias 03 e 04/09 abri para convidados e para o público geral, sem divulgação.

A escrita do diário de processos aconteceu durante todo o período de produção e reflexão da pesquisa, apoiada principalmente na escrita curativa de Geruza Zelnys, com a qual eu fiz o curso na edição deste ano, de agosto a outubro, para me aprofundar no método proposto por ela. A escrita volumosa me gerou mais de um tipo de diário. No bloco de notas do celular, registrei notas pessoais, reflexões livres que me surgiram ao longo de todo o processo, organizadas cronologicamente. No computador, alimentei o diário de um vermelho, onde anotei individualmente as minhas análises das obras prontas, coletadas depois de um breve período de distanciamento. No diário físico, registrei o processo de imersão no vermelho na residência

artística do ExpoLab. E na parede do ateliê, registrei pequenas notas sobre as perguntas, o recorte e estruturação da pesquisa.

Reconheço que, do ponto de vista das Artes Visuais, abordar uma cor em um recorte de pesquisa convoque estudos mais amplos sobre o uso da cor nos processos de criação, bem como o uso de uma cor específica, ou mesmo sobre os usos do vermelho ao longo da história da arte, levando à existência de obras emblemáticas como *Desvio para o Vermelho*, de Cildo Meireles, e *True Rouge*, de Tunga. Mas para o contexto de uma pesquisa de graduação, realizada sem dedicação exclusiva, eu optei por direcionar o pouco tempo disponível para a compreensão primeira dos meus ativadores de processo artístico mais íntimos. Como uma graduanda do bacharelado, e integrante de uma linha de pesquisa em poéticas artísticas e processos de criação, o fazer toma essa prioridade sobre outras questões neste momento. Pois, como artista, para aprofundar um diálogo com outros processos artísticos, eu preciso partir do meu processo artístico como referência primária. E para tanto, eu preciso me aproximar de um entendimento de como o meu fazer é ativado, o que me move a produzir, qual meu gesto criador.

É nesse contexto que escolho fazer um recorte de pesquisa a partir da afinidade temática, da identificação de gênero, da

autobiografia, da psicanálise, da cura, e do elemento que se anunciou e vem se repetindo ao longo da minha trajetória da graduação: o vermelho dentro da minha produção artística.

O vermelho foi se anunciando aos poucos, de modo que foi importante observar, além dos trabalhos produzidos ao longo deste ano, o ponto de virada em alguns trabalhos anteriores, bem como algumas reflexões de pesquisa já exercitadas na esfera da iniciação científica desta graduação. O meu retorno à graduação, após sete anos do bacharelado em arquitetura e urbanismo, foi um desejo consciente de me reconectar a processos artísticos muito íntimos que remontam à terceira infância, momento em que a arte era minha única forma de terapia possível, de modo que fez parte desta pesquisa também observar essa relação entre os fazeres artísticos e terapêuticos que já se anunciava.

Os valores de abrigo são tão simples, tão profundamente enraizados no inconsciente, que os encontramos mais facilmente por uma simples evocação do que por uma descrição minuciosa. Neste caso o matiz exprime a cor. A palavra de um poeta, já que ele toca o ponto exato, sacode as camadas profundas de nosso ser (Bachelard, 2008, p. 117).

Para apresentar o profundo abrigo vermelho que habito, com base nos conceitos de Sandra Rey (1996), sobre a comunicação ter algo que se conecta ao teor do trabalho, organizei um

mergulho a partir dos três capítulos: *submersa*, *afluentes* e *cachoeiras*, seguindo para as considerações finais no epílogo. Em *submersa*, trago uma análise mais ampla sobre o processo e os trabalhos feitos antes da residência artística, mas incluindo um dos trabalhos mais significativos produzido durante a residência, bem como os trabalhos anteriores que considerarei importantes momentos de transição. Em *afluentes*, trago trechos fiéis do diário de processos físico que alimentei durante toda a experiência da residência no ExpoLab, além do conteúdo textual da obra *Diários Afluentes #1* (figura 14). A diagramação da escrita neste capítulo é uma experimentação em caráter de continuidade dos diários afluentes, extrapolando a separação entre produção escrita e produção visual com a criação de poemas visuais, que convocam mais do que os olhos para a sua leitura/fruição. Em *cachoeiras*, apresento um ensaio visual produzido a partir dos registros que fiz durante a residência no ExpoLab.

A escolha pelos termos “prólogo” e “epílogo” remete à importância da escrita nesse processo. Cada parte textual do trabalho se inicia com uma epígrafe de uma das poetisas que esteve comigo neste processo, ou minha, já que me uno a elas, agora, na minha escrita curativa. No entanto, a escolha de uma

obra, ou processo de obra, em destaque na abertura de cada uma dessas partes é para lembrar que, ainda que a escrita seja parte fundamental do processo, ver a obra, fruir com ela, demorar-se nela, é imprescindível à experiência artística.

Por fim, um grande desafio enfrentado, como artista pesquisadora, foi o de fazer caber nesta estrutura limitada e rígida a beleza da produção artística e a complexidade de seus processos. Logo, não imprimir uma versão física foi uma escolha consciente, um desafio em que propus trazer um pouco mais de corpo para uma leitura de processo artístico em tela plana - tão cotidiana nos nossos dias - me utilizando, brevemente, da luz vermelha que também compôs minhas experiências com o vermelho nesse período. A diagramação dessa comunicação, portanto, também é obra. E sua leitura convoca corpo presente. Um convite para que a leitora experiencie parte do meu processo. O vermelho que habito, entre outras presenças, convoca introspecção, desconforto, movimento, desafio, coragem para sentir. Assim sendo, para vivenciar essa experiência, durante a leitura, permita que o vermelho ocupe. Leia em tela cheia. Não se mova da tela. Não mova a tela. Mova seu corpo. Descongele. Mergulhe. Ou nem entre. Superficialidades não são bem vindas em universos profundos.

submersa

*[...] terá que aprender a nadar e fluir,
mergulhar, metamorfosear para seguir!
Habitar as cidades submersas dentro de ti.*

Janaina Portella







Figuras 2, 3 e 4 (páginas anteriores). Thaysa Alarcão. Submersa #1. 2024. Videoperformance. 17'56". Frames da obra selecionados pela artista. Acervo da artista. Acesso à obra: <https://youtu.be/4NteHCQ5Fyo>

Mergulhei fundo em águas de descongelamento.

E não era sobre prender o ar, era sobre aprender um novo respirar.

Entrei com cuidado, tateando respeitosamente.

Não sabia se sabia o que iria encontrar.

Fechei os olhos para enxergar meus vermelhos mais intensos.

Me entreguei à intensidade desse marear.

Tateei cada centímetro, meio passo de cada vez.

Transbordei mais vezes do que consegui contar.

E senti cada uma das correntezas me abraçar.

(Re)existo em um espaço que sempre habitei, mas há muito já não conseguia voltar.

Já não importa mais quem ou o que me jogou na beira.

Estou indo no fundo do fundo habitar meu próprio lar.

Mergulho.

Em vermelho vivo. Vermelho sangue.

Aqui não sangro.

Aqui minhas rachaduras jorram vida que une todas nós.

Dançamos juntas um só corpo.

Nado sincronizado de um belíssimo descongelar.

Submersa #1 é um misto de poesia e cura, seja nas palavras da minha escrita curativa (Zelnys, 2021), seja nos movimentos do meu corpo-fragmento sob o vermelho. Como as mãos que dançam sobre as teclas de um piano criando melodias para a alma, dançam meus pés sobre as correntezas vermelhas que habito criando caminhos para a minha costura íntima. Cada gesto aqui aflora com a mesma delicadeza e intensidade com a qual habito essa sensação. É um misto de pertencimento, de espontaneidade, de curiosidade, de conforto, de atração, de reexistência e resistência. Sinto intensamente “a dualidade da cor que simboliza a vida humana e ao mesmo tempo o sangue dos ferimentos que ninguém quer ter” (Leobas, 2023, p. 22). Aqui nunca foi sobre ser uma coisa só. Eu habito o vermelho para mergulhar em um universo inteiro.

Essa é a cor de todas as paixões, da felicidade, do perigo, do fogo, do sangue, do amor, do ódio, do erotismo, da força, da vida, da agressividade, do feminino, do masculino, dos nobres, dos reis, do comunismo, da matéria, dos extrovertidos, do luxo, da guerra, do imoral, da liberdade, dos trabalhadores, do socialismo, das correções, do controle, da justiça (Heller, 2022). Mas “uma vez que nossos olhos nos permitem experienciar uma cor, é todo o resto de nós que determina o significado que lhe emprestamos”

(Fraser; Banks, 2007, p. 10). Para mim, tem sido a cor das memórias mais profundas, e de um “ressignificar: criar novos sentidos para aquilo que deixou de ter/ser sentido” (Zelnys, 2021, p. 34).

Do diário de processos, resgato o vermelho que brota do feminino, o vermelho que escorre das cicatrizes, o vermelho que circula por baixo da pele, o vermelho do jardim da minha avó, que tinha cheiro de vida entre espinhos e portos seguros. Recordo que um dia, sobre um chão vermelho ancestral, me apontei o sentimento de habitar o vermelho fogo das memórias que queimam impessoalidades.

Nas artes, a evocação das memórias pessoais implica a construção de um lugar de resiliência, de demarcações de individualidade e impressões que se contrapõem a um panorama de comunicação à distância e de tecnologia virtual que tendem gradualmente a anular as noções de privacidade, ao mesmo tempo que dificultam trocas reais.

É também o território de recriação e de reordenamento da existência – um testemunho de riquezas afetivas que o artista oferece ou insinua ao espectador, com a cumplicidade e a intimidade de quem abre um diário (Canton, 2009, p. 21).

Sinto o vermelho da resiliência há um tempo, desde que me chegou a argila vermelha, nos processos em cerâmica, trazendo consigo minhas terras ancestrais interioranas e profundamente vermelhas. As mesmas em que floresceram as rosas vermelhas da vó. As mesmas das cerâmicas artesanais no piso da varanda,

das telhas aparentes no teto, do filtro de barro na cozinha, das comidinhas de mentirinha, da horta no quintal, das solas dos nossos pés livres.



Manipule o barro, ela disse, ouça o que ele tem a dizer. E eu ouvi. E eu senti. Ouvi "resistência". E senti que quanto mais eu espremia, menos quebradiço ele ficava. Quanto mais eu apertava, mais calor e resistência ele absorvia. Tentei sentir que cheiro tinha esse esforço de resistir. Tinha um leve cheiro de memória, dos filtros de barro da casa da vó, da mãe e da irmã, memória ancestral feminina, potente como a ancestralidade daquela terra entre os meus dedos. Mas o cheiro era leve, o que senti com mais impacto foi o calor. Resistir queima. É mesmo uma troca que consome e exala, e se molda, e se refaz, e se mantém. Percebi que talvez tenha ouvido errado. Talvez o barro tenha soprado aos meus ouvidos "resiliência".¹

¹*Sobre fechar os olhos para ver.*

Figura 5 (página anterior). Thaysa Alarcão. Fotografia e relato extraídos do caderno de processos da artista. 2022. Experimentações com cerâmica. Acervo da artista.

Em *Submersa #1* (figuras 2, 3 e 4), fecho os olhos e caminho tateando o vermelho. Sinto como se estivesse do lado de dentro. É o que a câmera vê nesse momento, eu, dentro do vermelho, a passos lentos, lentos movimentos tentando entender quem sou eu aqui. A luz intensa me permite apreciar o vermelho interno das minhas pálpebras. Elas até estão fechadas, mas os olhos estão vendo tudo. De novo penso que tudo aqui é performance, porque tanta coisa acontece quando escolho essa linguagem! É o corpo em movimento. De múltiplas maneiras. Não tinha como ser diferente. “O movimento como forma de descongelar” já me chegava meses atrás, pela fala sensível da Wilnês Henrique⁴.

Escolhi a gravação em câmera lenta para convocar um outro tempo para essa outra existência. Aqui nunca foi sobre ter pressa. Descongelamento e transbordo. Sinto grandeza. Sinto pertencimento nesse universo vasto, complexo, contraditório, completo. Me sinto bem no meio do furacão, naquele ponto em

⁴ A fala em questão aconteceu durante o seminário online *Arquiteturas da Infância*, organizado pelo Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas em 12/04/2024, no qual a artista Wilnês Henrique apresentou o resumo do trabalho *Estórias de Mim*.

que tudo é calma. Observo. Meu corpo precisa de espaço e tempo. Espaço para abraçar todas as diferentes linguagens que surgirem, para expandir quantos trajetos forem necessários. Tempo para se demorar em si, para falar, para se ouvir, para se (re)conhecer, para (re)sentir. Habito esse vermelho de correntezas intensas, que me envolvem e me movimentam por inteira, com respeito ao tempo dos processos e dos mergulhos, com a mesma paixão e libertação com que Cris mergulhou nas profundezas de um vermelho etéreo (figura 6)⁵.



Figura 6. 300ML. Soundtrack. 2017. Frame aos 94'43". Globo Filmes.

Cris se isolou em uma estação de pesquisa polar por 12 dias, após uma espera de quatro anos desde a inscrição, para desenvolver uma série de autorretratos ouvindo uma playlist específica. Tinha algo ali naquelas músicas que o movimentavam

⁵ O fotógrafo Cris (Selton Melo) é o protagonista do longa-metragem *Soundtrack*.

profundamente, assim como acontece no meu processo artístico. Algumas músicas me levam ao que Clarisse Lispector chama de estado de graça. São momentos entre os mais sublimes do sentir. Mas Cris se sente falhando na maior parte dos dias, assim como eu também sentia uma incompletude insistente nos meus autorretratos anteriores.



Figura 7. Thaysa Alarcão. Espelho, espelho meu. 2019. Fotoperformance. 10 x 15 cm, cada. Expografia definida pela artista. Acervo da artista.

Falta alguma coisa. Eu sei. Eu sinto. Eu busco. Mas, naquele momento (figura 7), eu não sabia o que era, ainda. Em sua última noite, Cris encontra (figura 6). Os fones não eram mais necessários. É no vermelho reluzente, surgindo sobre o breu da noite profunda, que Cris encontra, se desnuda, mergulha. E assim também foi comigo em *Submersa #1* (figuras 2, 3 e 4). Neste, que foi um dos últimos trabalhos produzidos no período desta pesquisa, me desnudei, mergulhei, e entendi que, finalmente, encontrei. Compreendo, a posteriori, que não havia fones na execução de *Submersa #1*, assim como não houve antes em *Deixar a casa cair* (figura 8), em *À luz do vermelho* (figura 12) ou na série *Nó* (figura 15). O estado de graça me chega agora pelo vermelho e, apaixonada pela proteção que ele me traz, posso trazer meu corpo para falar não mais somente para mim.

Observando o processo artístico em torno do vermelho, desde o início desta pesquisa, e também um pouco antes enquanto o vermelho se enunciava, entendo que o autorretrato vermelho me chegou, e dessa vez não continha a fuga daqueles primeiros autorretratos em cinzas, produzidos no fim da minha inocência, enquanto eu sobrevivia às casas de tempestade, às relações superficiais e às ausências da terceira infância. Desta vez contém mergulho. E diferentes espirais de aprofundamento em aceitação.

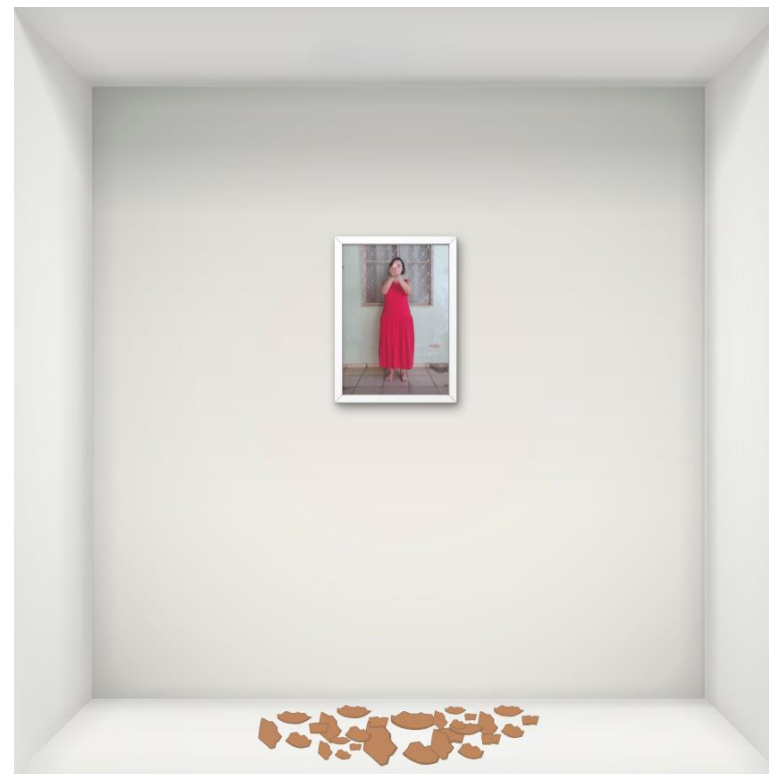


Figura 8 (à esquerda). Thaysa Alarcão. Deixar a casa cair. 2024. Videoperformance. 8'30". Frame da obra selecionado pela artista. Acervo da artista. Acesso à obra: <https://youtu.be/XDL7U3IhPV8>

Figura 9 (acima). Thaysa Alarcão. Expografia definida pela artista para expor a obra no formato instalação, composta pela videoperformance exibida em equipamento eletrônico (TV ou tablet) na parede, na altura da linha dos olhos, e fragmentos de cerâmica espalhados pelo chão, em quantidade a depender do espaço disponível no espaço expositivo.

Em *Deixar a casa cair* (Figura 8), realizado no começo da pesquisa, mergulhei na aceitação da ausência do lar nas casas em que habitei ao longo da vida. Carrego da arquitetura essa sensibilidade de conectar um espaço físico externo com um espaço interno deste meu corpo que também é casa. Então escolhi executar a performance no canto mais estragado, desgastado e descuidado da minha casa atual, porque dentro de mim também era sobre esse mesmo lugar.

Havia um corpo despedaçado que já se enunciava desde *Espelho, espelho meu* (Figura 7), onde me utilizei da fotoperformance e da expografia para elencar fragmentos de corpo e de vazio, tentando ouvir o quanto me custava estar às avessas com a minha história de vida alimentando falsos pertencimentos e falsas referências de lar. Tento ouvir novamente, ainda presa na insegurança do preto e branco, sobre as tempestades por onde esse corpo-fragmento passou (Figura 10). *Era uma casa*⁶ se trata de uma fotografia em agonia - uma alusão ao meu corpo congelado em agonia, percebo agora - que ao questionar sobre as

⁶ O trabalho em questão foi desenvolvido durante a pesquisa de iniciação científica *O caos que habito: autorretrato entre deslocamentos e memória*, vinculado ao projeto de pesquisa *Paisagens Íntimas: processos artísticos autobiográficos do corpo e da intimidade*, do professor Dr. Odinaldo da Costa Silva, onde a revisitação de memórias das casas em que vivi ao longo de toda a vida contabilizou um total aproximado de 25 casas em 33 anos.

casas da morada, me convida à percepção de que talvez não fossem lares, e me instiga a pensar onde estaria meu lar. Como contraponto à estabilidade da fotografia, o meu processo artístico já convocava a videoarte para expor as instabilidades, as tempestades, as várias camadas de complexidade e o movimento.



Figura 10. Thaysa Alarcão. *Era uma casa*. 2022. Videoarte. 1'21".
Frame da obra selecionado pela artista. Obra selecionada para o Salão de Arte Contemporânea de Formosa, em junho de 2023.
Acervo da artista. Acesso à obra: <https://youtu.be/5I8tAzlOM10>

Vejo, ali, um corpo em ebulição que deseja romper com essas conexões dolorosas, que deseja o movimento para descongelar ao mesmo tempo em que sofre pelo excesso de movimento ao

longo da vida. O preto e branco não sustenta a complexidade dessa contradição, está no vermelho essa potência convocada. Eu já havia iniciado esse processo da quebra das casas antes de *Deixar a casa cair* (Figura 9), mas faltava uma parte importante da aceitação da dor. Eu estava focada nos cacos das casas enquanto deveria olhar para os meus fragmentos já convocando reconstrução. Foi somente quando vesti o vermelho e me coloquei no embate do autorretrato que a aceitação se apresentou. Deixo para trás os cacos do falso lar. O vermelho aqui atua como força para romper ao mesmo tempo em que atua como reconexão. É o processo de envermelhecer avançando mais um ciclo de aprofundamento.

Vibra intensa a relação de trauma e arte aqui. O trauma congela. A arte me move. O trauma fragmenta. A arte me dá infinitas possibilidades de reconexão, dentro da segurança do vermelho. O “trauma é um “desastre” subjetivo que abala a organização psíquica” (Neto, 2020, p. 3). E o meu corpo-fragmento, para além dessas questões psíquicas, carrega também a memória física da paralização, de modo que o movimento e a reconexão se tornam desejos íntimos de cura, imprescindíveis ao meu enfrentamento.

O vermelho da dor se uniu ao vermelho da força, da agressividade, do poder, para deixar ir as falsas casas. No

entanto, o movimento é lento. Diferente de *Submersa #1* (figuras 2, 3 e 4), em que o movimento lento convoca o desejo de prolongar o tempo daquele habitar, a câmera lenta aqui se relaciona com a demora e dificuldade no enfrentamento dessa fase, e com a complexidade de lidar com meus fragmentos mais profundos. Me aconchego na percepção de que quebro casas de cerâmica rosada. Falsas casas produzidas em argila branca. Meu verdadeiro lar está construído e cercado por barro vermelho, lá, onde até o céu é vermelho.

É para esse céu que estou olhando em *Submersa #0* (figura 11). Ali, no meio da pesquisa, vislumbro à distância o universo que há tanto desejo mergulhar. A videoarte, primeira produção da série *Submersa*, possui um misto de caminho para o vermelho e gestação do vermelho. Aqui, mais uma volta na espiral de aprofundamento, e o desejo de habitar. Não é o vermelho que me habita, sou eu que habito o vermelho porque sou eu que vou até ele buscar as costuras e as armaduras para o meu ressignificar.

Eu fazia o trajeto para minha terra natal, pensando em caminhos, fios, impressões, espaços, em outros meios do sentir. Entre as distantes rajadas de vermelho intenso, pensei sobre a instabilidade, condição inevitável que acompanha as pessoas com traumas severos na bagagem. As lentes instáveis que

buscam captar aquele céu, por mais vezes do que eu gostaria, refletem como eu sinto o mundo ao meu redor. Mas observo entre o breu uma luz que persiste: o vermelho, atuando como estabilizador nas minhas emoções mais profundas.

Figura 11. Thaysa Alarcão. Submersa #0. 2024. Videoarte. 2'13". Frame da obra selecionado pela artista. Acervo da artista. Acesso à obra: <https://youtu.be/IBFjg9xm538>



“O breu é imprescindível ao que é profundo”⁷. Mergulho, portanto, em uma dramática composição de breu e vermelho no ensaio *À luz do vermelho* (figura 12). Escolho uma luz branca como mediação e o vermelho vestido como ato simbólico de aceitar, de uma vez por todas, vesti-lo, abraçá-lo, carregá-lo, sustentá-lo. Escolho o fundo neutro para destacar o diálogo entre o meu corpo e o vermelho. Estamos sozinhos, em silêncio, no meu ateliê. Aqui é sobre eu e ele, apenas. Vamos mergulhar nesse conflito interno de vulnerabilidade e poder. Vamos gritar juntos, sem dizer uma única palavra. Aqui o vídeo não é bem vindo, porque pressinto a intensidade dessa jornada emocional e psicológica. Estamos em espiral de aprofundamento. O vermelho vai me movimentar de dentro, inteira. Gira de cura, desejo. Preciso das pausas da fotografia para processar os sentimentos. Aqui não é uma dança sublime, como foi em *Submersa #1* (figuras 2, 3 e 4). Aqui é um embate, como em *Espelho, espelho meu* (figura 7). Mas muito mais intenso. Da dor inicial à força final. Introspecção. Luta. Dor. Aceitação. Transição. Empoderamento. Envoltura numa trama de fios vermelhos. Confio.

⁷ Poesyá Mandigueira publicada em 02 set. 2024. A poeta e artecureira Janaína Portella faz publicações regulares em seu perfil público na rede social Instagram. Disponível em https://www.instagram.com/janaina_nportella/p/C_bZtzjJS4h/. Acesso em 02 set. 2024.



Figura 12 (página anterior). Thaysa Alarcão. *À luz do vermelho*. 2024. Fotoperformance, composta originalmente por 96 registros. 10 x 15 cm, cada. Acervo da artista.

Foram 96 registros de emoções intensas, no total, desafiando os meus limites através da performance como frequentemente o faz a artista Marina Abramović.



Figura 13. Marina Abramović. *The Artist Is Present*. 2010. Registro de um dos momentos da performance. [S.I.]. Fonte: MoMA - The Museum of Modern Art. Disponível em https://www.moma.org/calendar/exhibitions/964?installation_image_index=121. Acesso em 10 out. 2024.

À luz do vermelho (figura 12) convoca um estado de presença, um mergulho na ação do corpo e uma conexão emocional também presentes em *The Artist Is Present*. Marina Abramović, de acordo com Katia Canton⁸, está entre as artistas que exploram uma ideia de cura e transcendência através da produção artística, ao lado de Hilma af Klint, Lygia Clark, Louise Bourgeois, Yayoi Kusama, entre outras.

Me incluo no recorte dessas artistas. E mergulho mais fundo no vermelho, confiando em um processo de envermelhecer para transcender que se enuncia. Apoiando-me nas dualidades que o vermelho sustenta, reconheço também os altos níveis de dopamina que eu experienciei no fazer de *À luz do vermelho*, superados apenas pelos processos desenvolvidos durante a residência artística no ExpoLab, como, por exemplo, a obra *Submersa #1* (figuras 2, 3 e 4), apresentada no começo desse capítulo. Corpo transcendente. Corpo presente. E conexões que afluem intensamente. Os mergulhos de imersão em *Habitar o vermelho* é o conteúdo dos próximos dois capítulos.

⁸ De 18 set. a 09 out. 2024, eu participei do curso teórico online *A arte cura? - uma história das potências curativas da arte*, realizado pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo e ministrado pela professora, curadora, artista visual e psicanalista Kátia Canton, no qual ela abordou o tema trazendo uma síntese de sua pesquisa e apresentando um panorama em torno das potências curativas da arte, explorando narrativas diversas.

afuentes

águas
onde deságuas?

si me tramo. por lo que es copos de tinta. mas tal vez sepa amiedade nota quando de esas palabras por tiempo el mas. Tal vez sea preso.

Figuras 14 (página anterior). Thaysa Alarcão. Diários Afluentes #1 - detalhe da obra no site specific Habitar O Vermelho. 2024. Objeto - autorretrato desaguado sobre papel manteiga. 7,50 m. Fotografia: Manoela A. A. Rodrigues. Acervo da artista.

vou rasgar ou cortar?
me pergunto pra esse começo
tem vínculos que não quero mesmo cortar
e tem aqueles que eu deveria rasgar e queimar
já faz tempo desde que entendi sentir queima sempre aqui dentro
tenho dificuldades em manter essa linha legível com significado
meu vermelho queima resistir queima
não sei se quero que as outras pessoas entendam
não sei se eu mesma quero entender
faço curva bem na parte difícil
a ge diria que aqui tá meu trauma porque é aqui que o corpo destoa
mas talvez seja ansiedade por ter guardado essas palavras por tempo demais
talvez seja pressa pra colocá-las no mundo antes que elas fujam de novo
estou colocando meu corpo numa posição desconfortável pra que essas palavras saiam
minhas pernas estão formigando e estou zonzando
estou colocando meu sangue em posição desconfortável
meus vermelhos estão espremidos
quem quiser entender essa linha que se coloque desconfortável também

habitar meus universos significa encarar tsunamis de sentimentos, sempre

habitar o vermelho não poderia ser diferente

eu tive medo da materialidade
medo de não ser o que eu esperava
medo de não conseguir lidar com o que vier
medo de não sustentar os meus vermelhos, de não conseguir lidar com suas intensidades
será que propus esse exercício na hora errada?
será que ainda não é a hora do mergulho no vermelho?
será que é por isso que eu não consegui me vestir com o vermelho intenso que eu planejei pra pré-banca?
saio da raiva pro medo
mas talvez volte pra raiva, raiva de mim mesma pela ausência de coragem

a raiva segue aqui
apesar de já me sentir em terreno confortável
de certa forma, sempre habitei o vermelho, suspeito desde já
e foi sempre essa relação de querer mergulhar
mas alguma coisa impede
atrasa
ainda chego lá

tem sempre mil demandas me sufocando
querendo me deixar pra depois
hoje não. hoje, eu.
não vesti vermelho
saí de casa pensando que hoje traria só os vermelhos internos
mas todos eles

havia uma linha de nível vermelha no chão
pouco antes da fav[...]
um convite do vermelho
um convite em forma de linha guia, linha niveladora
linha direciona as fundações mais básicas de uma construção
que acabamos também
os depois se torna invisível
sendo apenas aquela um dia usada como apoio na construção de um
sacitei
e segui a linha trajeto adentro
passando pela terra vermelha e enormes formigueiros pelo caminho
na porta da fav eu entrei mas ela seguiu
passando um outro fio vermelho meu

*as pessoas verão trabalhos prontos
pra mim tudo foi performance
desde o pensamento ao esforço do corpo agachado
dando vida a uma linha que não pode parar*

não sei ainda o que fazer com as janelas
o amarelo não é bem-vindo aqui
é tempo de vermelho

mas o corpo, inquieto, se volta pra entrada
opto por deixar vazia, do jeito que está, todos os furos, rachaduras, remendos
presentes
um equipamento estragado, um buraco mal tapado
camadas diferentes aparentes
e esquecidos no teto
dois fragmentos de vermelho nunca utilizado

“take my body”, me canta a música
take my body, imploro pra arte, com lágrimas nos olhos
ryane me reforça que somos oceânicas e com raízes profundas
me deixar transbordar é um aprendizado
janaina me lembra: “deixa transbordar, é lua cheia”
coloco o primeiro fragmento dos diários afluentes na parede
por mais que eu tenha medido exatamente
ele transborda
me deixo envermelhecer apesar dos pesares
das rachaduras. dos buracos. dos descascados. dos estragos disfarçados.
o vermelho do sangue que eu não quis deixar escorrer
hoje é o vermelho que me mantém viva
é o mesmo que me mantém viva
hoje é o vermelho que me guia. e para onde vamos agora?

curva à esquerda
e vou ter que me espremer numa brecha
ri sozinha
Justo ontem que tanto pensei sobre essas brechas
que mudei umas dez vezes esse último painel
pra mudei umas dez vezes esse último painel
de forçar se tenho coragem por uma
e hoje me vejo lançada a me lançar por uma
pra chegar nessa casa temporária
encarei o desafio sorrindo de carregar essa bagagem
eu só precisava mudar o jeito de carregar essa bagagem

na sacola, ventilador e fio vermelho, não está calor aqui, mas vou ligar o vento mesmo assim, talvez tenha carregado eles juntos porque desejo tempestade de vermelho.

eu sei que o desenho do corpo também é fio vermelho.

do desenho do cordão vermelho pra linha vermelha do desenho.

eu sei que a escrita também é fio vermelho.

sem pensar muito, só contornos vermelhos, nasceu um novo trabalho, sem título.

tem um paredão vermelho hoje na minha frente
parece que só isso me interessa
um contraponto
vou existir

as linhas estão dançando pra mim. a cada emaranhado que sotto decima da escada, elas dançam. desejo que elas se enrolem mas elas se soltam. e quando não espero, se juntam em curvas infinitas. de cima, assisto todo esse serpentear. cintila forte o vermelho. o delas e do lâmpada, a única que deixei ligada pra envermelhecer a sala. é quase noite, tudo aqui é vermelho.

quando queria a linha lisa, ela se engalinhou toda. tentei desfazer nas primeiras vezes, mas depois entendi a beleza daquelas curvas, daquela trama efêmera. nunca será a mesma coisa a cada olhar. a cada brisa. a cada toque. quando queria a linha lisa, ela se engalinhou toda. tentei desfazer nas primeiras vezes, mas depois entendi a beleza daquelas curvas, daquela trama efêmera. nunca será a mesma coisa a cada olhar. a cada brisa. a cada toque.

olho pras cachoeiras de cordão vermelho
as pessoas verão linha, instalação, objeto
eu só vejo rastros do meu corpo dançando com cada linha ali
pra mim não é sobre vê-las ali prontas, é sobre o processo de colocá-las ali
cada esforço do meu corpo pra fazer elas existirem ali, cada encaixe no vão
a maneira como meus olhos vão sendo tomados por uma multidão de linhas vermelhas
e a maneira como elas naturalmente fazem, a maneira como elas dançam e giram
as curvas que eu quero fazer, as curvas que elas agrupam enquanto eu puxo uma pontinha fio acima. que coisa linda de se ver!

eu gosto de como as linhas ocupam o chão rapidamente
tento me conectar a isso, pensar esse ato do desenrolar para fiar
levanto alto o novelo e puxo o fio com força
ele encontra sua queda contínua e faz vários minicírculos ocupando lindamente aquele círculo que propus
ali é a linha sozinha que performa, não eu, ainda assim, ela me convida
ela tem suas pausas, e eu tenho que puxar novamente
estou cansada mas não quero ir embora, ele não quer parar, eu não quero parar
penso sobre esse trajeto do fio vermelho ao vermelho fio

.....fio. minha resiliência no esforço pelo traço contínuo. minha presença no corpo em movimento. meu pertencimento no vermelho.....

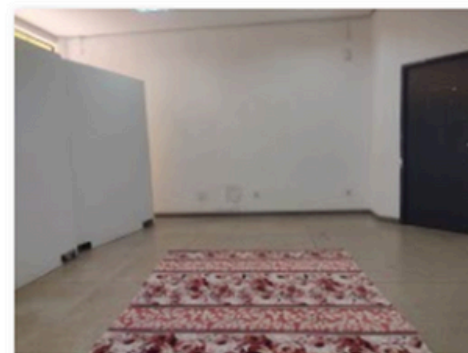
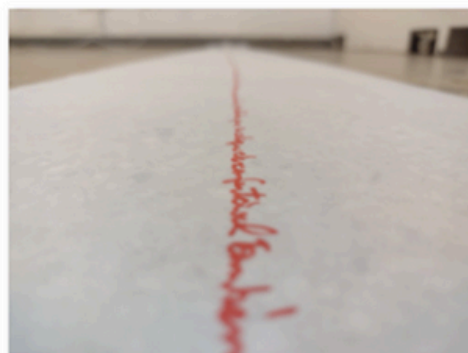
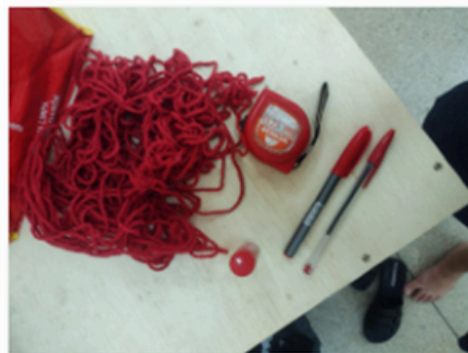
já vim com pesar,
porque hoje é meu último dia de criação aqui.
tudo que ainda falta experimentar precisa ser feito hoje.
não cabe em um dia.
devia ter pedido mais tempo.
mas o que borbulha aqui também não caberia em um mês.
um ano? talvez em uma vida toda.
tô viva!
hoje com certeza é paixão.
paixão por habitar esse universo de vermelhos e possibilidades infinitas.
paixão por um processo artístico, criativo e de cura
tão intenso, tão dinâmico, tão misto,
tão cheio de tudo que eu verdadeiramente sou.
eu sou isso. eu sou tudo isso. instáveis. intensas. infinitas.
a artista e a pessoa. inseparáveis. intensas. infinitas.
é isso que eu sinto quando mergulho no vermelho
sinto grandeza

E já é tempo de sair pras outras pessoas entrarem. Saio com a mão gelada e o coração acelerado. Tanto tempo destrancando a porta pra entrar, e trancando pra me manter segura dentro, sem ser interrompida. Caminhei por essa barreira, mas sem deixar de usar a chave até hoje. Respiro fundo, destranco e abro. Hoje não tem trancas, a porta está aberta. Quem quiser, entre.

cachoeiras

*mulheres oceânicas carregam sal, cura, afago,
poder, grandiosidade, segredos, marés,
profundidades, processos de quebra de silêncio, caos,
flores, coisas lindas, ancestralidade, luta e
caminhada. que a gente se celebre, se lembre de
não se desculpar por existir, se derrame.*

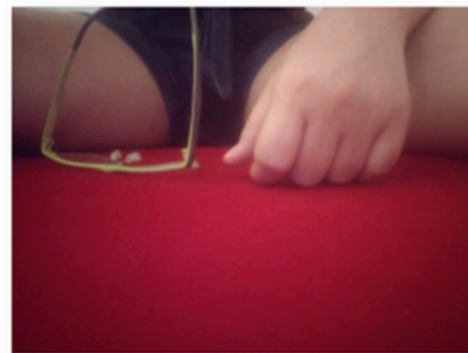
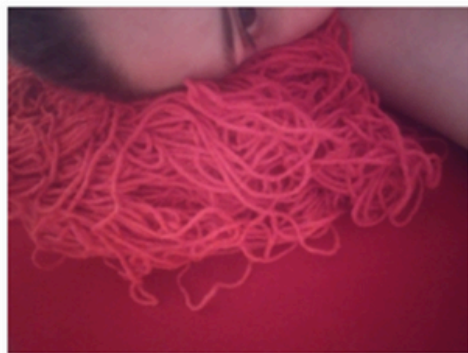
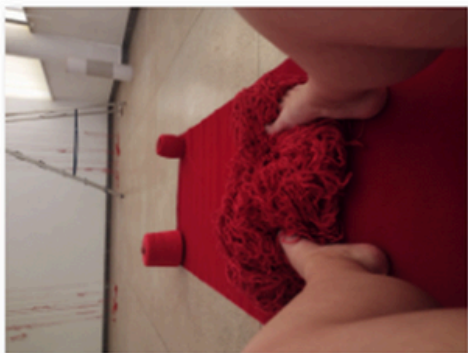
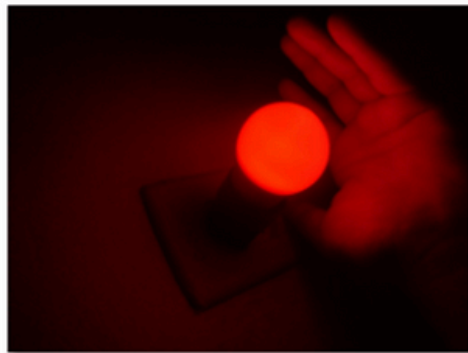
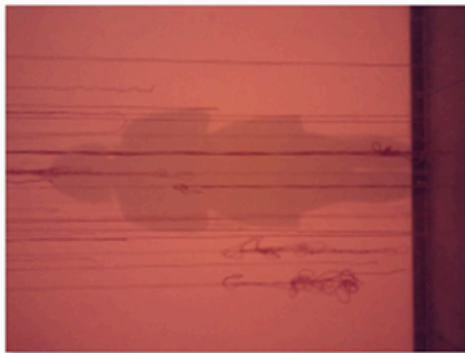
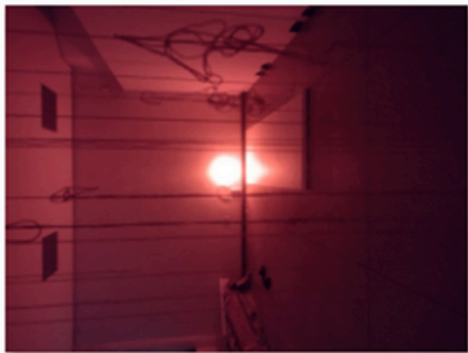
Ryane Leão



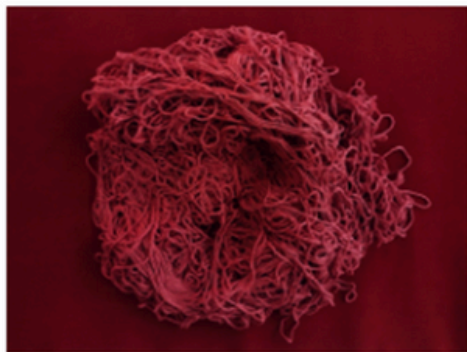
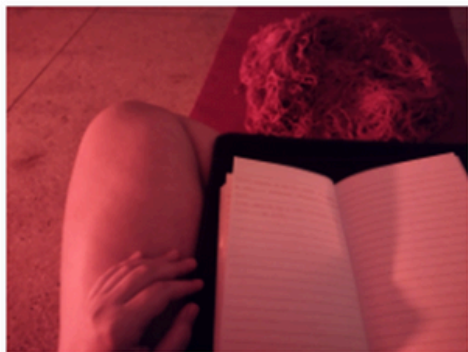
Handwritten text in red ink, oriented vertically on a white sheet of paper. The text is partially obscured by a vertical crease and is difficult to read due to blurring. The visible characters appear to be "Tà" and "Bam".









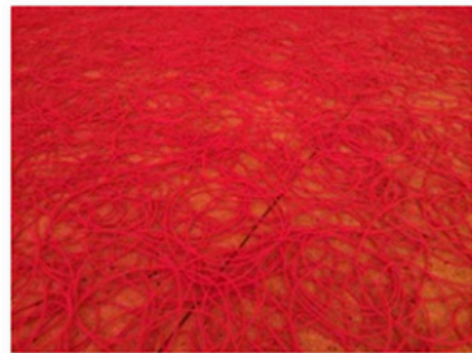
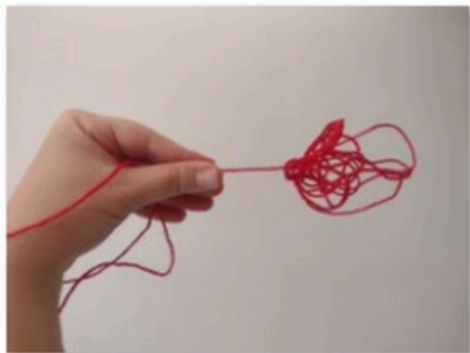
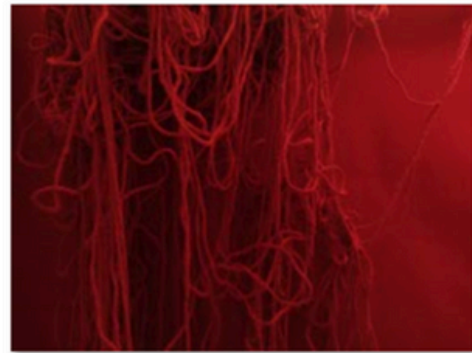
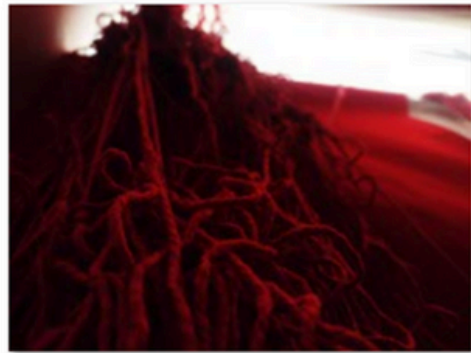




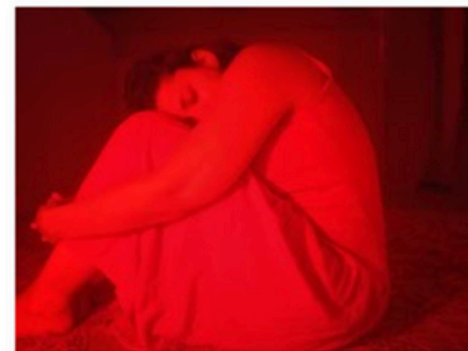
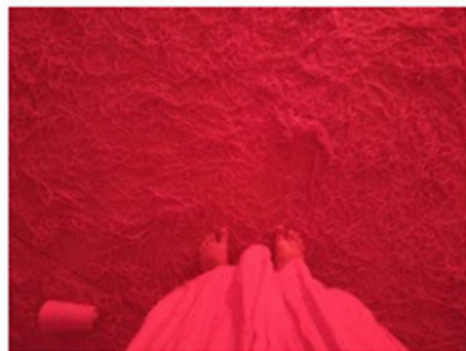
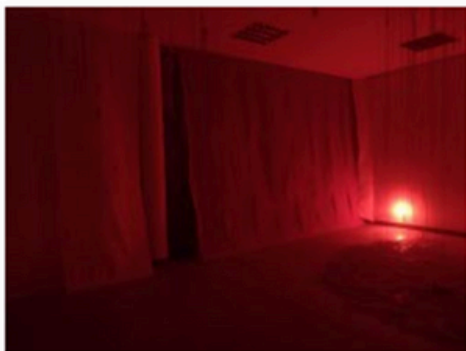
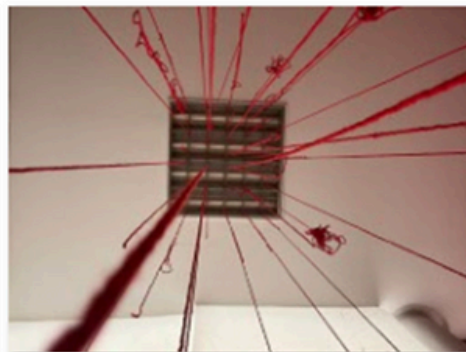
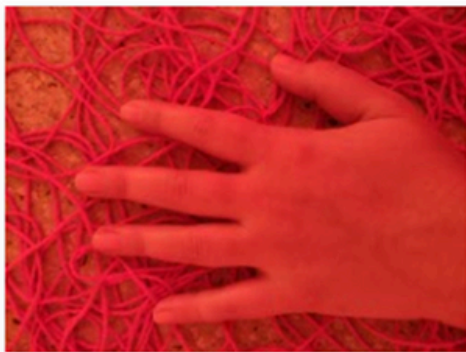


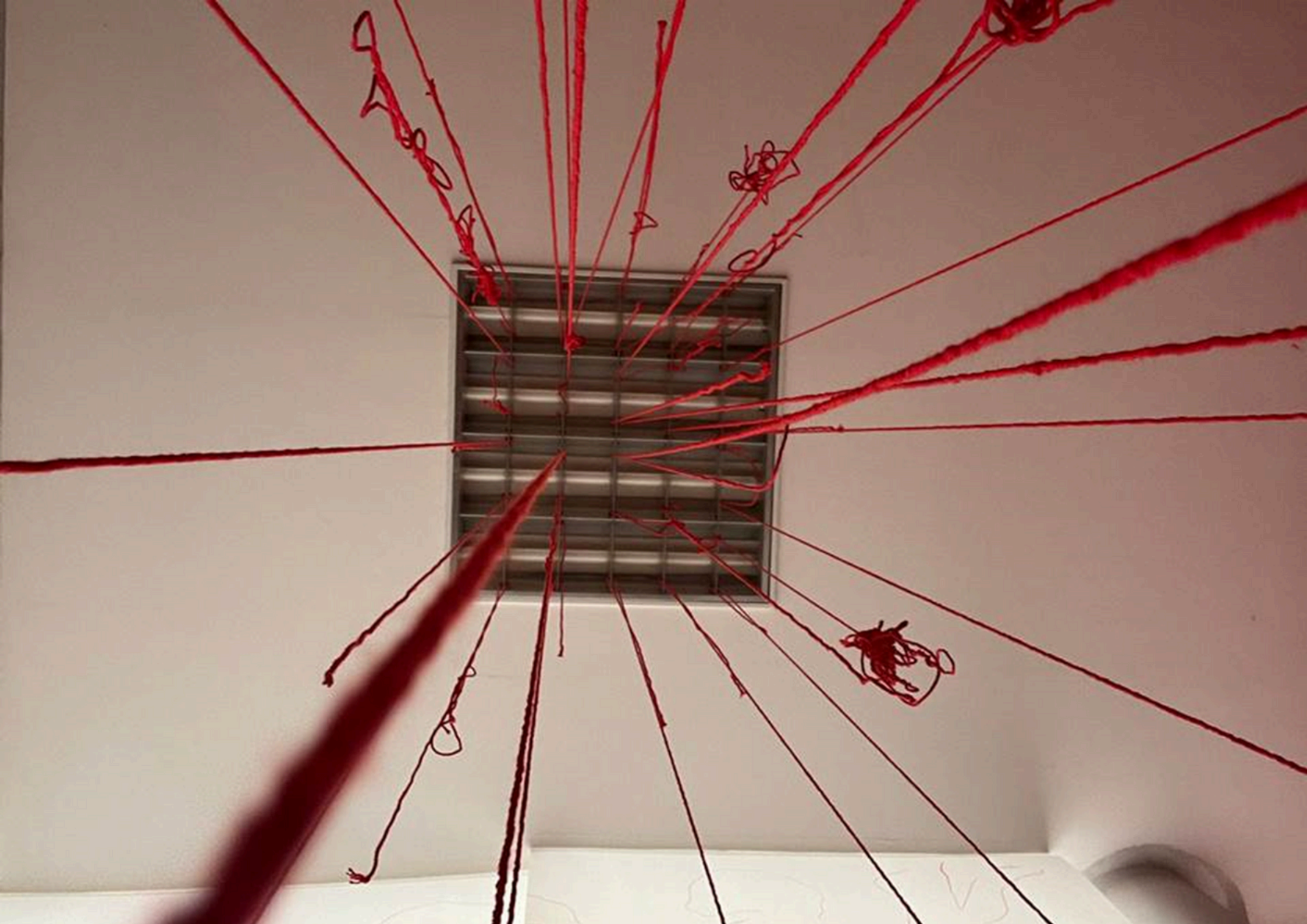
... about

... confident

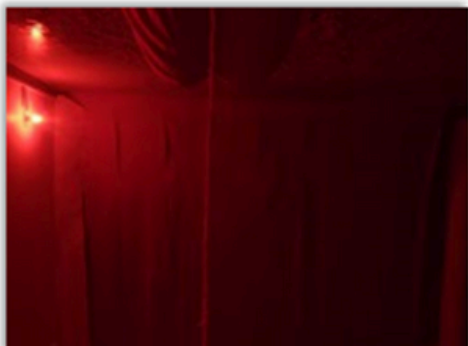
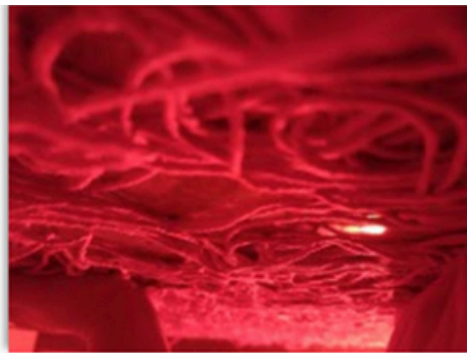
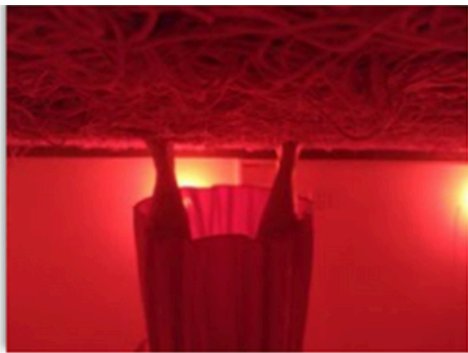
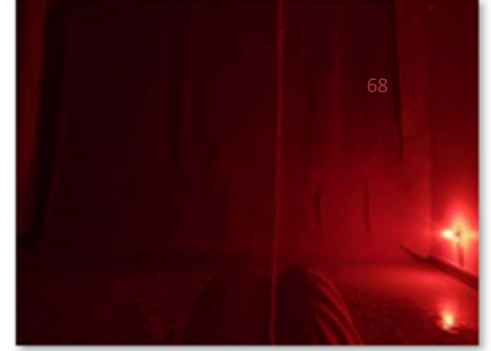






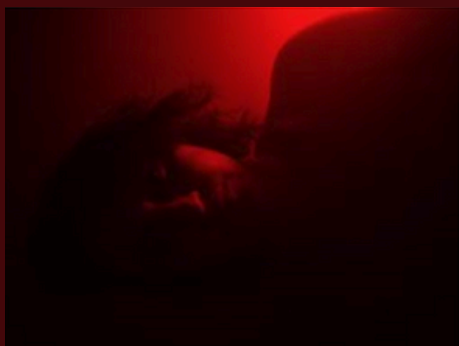
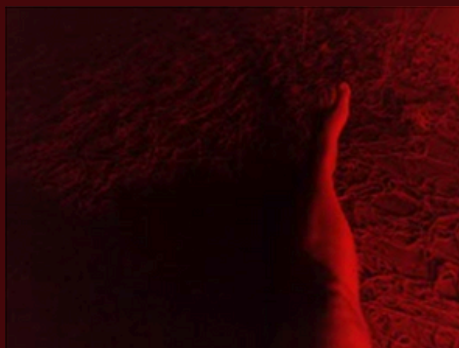
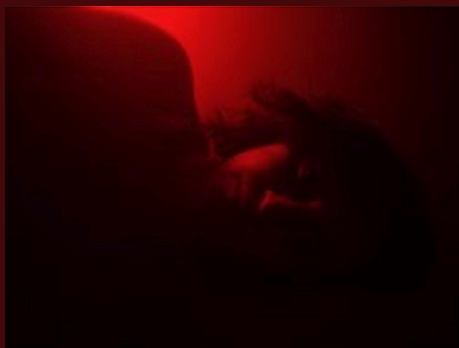












Tinha um misto de intenções nesse processo. Eu queria ocupar uma sala inteira. Eu queria me cercar de vermelho. Eu queria experimentar processos novos. Mergulhos profundos. Zonas fora do conforto. Imersão. Eu queria dar uma chance ao acaso. Para acatar os processos espontâneos que surgissem. Para ouvir as linguagens desse habitar das profundezas. Eu queria me desafiar.

Transbordei.

Me derramei.

Transcendi.

Tem meu corpo em cada uma dessas linhas. Nas do desenho, que só existem pela execução das minhas mãos. Mas os fios também deslizaram pelas mãos e corpo inteiro. Vieram dos emaranhados internos. Foi uma troca intensa ali, porque não penduro alguma coisa, pra mim é sobre o pendurar e o despendurar. E o ouvir. E o sentir. É sobre o contato da linha com meu corpo, um movimento de passagem desse vermelho que por ora vai pra outro lugar, depois vou guardar de novo.

E juntos, renasceremos outra vez.

Entre linhas, raízes, varizes, inúmeras partes de mim. Elas fluem pro espaço como fluem meus rios de sangue sob a pele. Porque o que me atravessa é este vermelho ativo, este movimento, vermelho vivo. No desenho contínuo, na escrita ininterrupta, e na instalação dessas linhas, vejo minha busca pelo movimento, pela continuidade, pelo dinamismo, pela sobrevivência ao trauma que congelou.

Hoje, todas essas linhas estão unidas no vermelho, o qual habito, ao qual pertencço, e que se tornou meu fio condutor. Saio do fio vermelho para o vermelho fio. Para fiar trajetórias diversas nesse processo artístico intenso. Confio no vermelho. Juntos fiamos universos inteiros em que é seguro habitar, é legítimo pertencer, porque na medida em que essa trama cresce, se vão as imagens do trauma e meu corpo se acalma. Des(afio) um tecer de poéticas curativas, à luz do vermelho.

Me demoro.

Me aconchego.

Entre a luz e o breu, habito o vermelho.

epílogo

*in the end
i found that the universe
i longed to connect with
lived within me
there was no need
to look any where else
for the answers
as long as life was in me*

Rupi Kaur



Figura 15. Thaysa Alarcão. Nós - da série Nó. 2024. Instalação - fotoperformance e colagem digital sobre foan e cordão de algodão vermelho. 1,40 x 1,40 x 4,00 m. Exposição Antologia do Amanhã, Vila Cultural Cora Coralina, Goiânia/GO. Fotografia: Paulo Rezende. Acervo da artista.

Se lá no comecinho desta pesquisa, em *Nós* (figura 15), eu via um corpo-casa ainda se descobrindo, revisitando, questionando e (re)conhecendo sua relação com a trajetória de vida até aqui, hoje eu me vejo habitando um universo inteiro, em construção entre afetos e vermelhos. Me reconhecer enquanto lar foi imprescindível para que eu pudesse fazer as pazes com a minha história de vida. Mas para entender que eu sou uma casa bonita (Leão, 2017), foi preciso o envermelhecer.

Envermelhecer minha produção visual, minha escrita, minhas experiências, minha comunicação, minha reflexão, meu corpo-casa.

en
ver
me
lhe
cer

Figura 16 (à direita). Thaysa Alarcão. Processos com autorretrato vermelho. 2023-atual. Experimentações com fotoperformance e colagem digital. Acervo da artista.



E só então acolher a “arte como forma de criar outros mundos para dar conta dos nossos traumas”, como tinha me soprado a artista e também pesquisadora dos lares Denise Moraes⁹. Pois no meu fazer “a arte existe porque houve o trauma” (Neto, 2020, p. 11). Existe em mim o corpo fragmentado. Existe em mim a mente desconectada. E existe em mim o desejo de resignificação profunda que me move a resgatar experiências autobiográficas, entre as memórias mais intensas, com o intuito de elaborar aquelas que foram traumáticas e encontrar uma conexão afetiva com aquelas que ficaram invisibilizadas em virtude dos “adoecimentos por apassivação” (Graça; Figueiredo, 2018, p. 73). Mas eu preciso do vermelho nesse processo, em mais de uma maneira.

A Cromoterapia é reconhecida como prática integrativa complementar pela Organização Mundial de Saúde desde 1976. No Brasil no ano de 2006 foi institucionalizado as práticas integrativas complementares através da sigla PICS a partir da promulgação ministerial da portaria GM/MS nº 971/2006. No entanto, a Cromoterapia foi integrada como prática integrativa complementar no Sistema Único de Saúde pela portaria de Consolidação nº 2/GM/MS de 28 de setembro de 2017 (Awoyama *et al*, 2023).

⁹ Durante o seminário online Arquiteturas da Infância, organizado pelo Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas em 12/04/2024, a artista Denise Moraes apresentou o resumo do trabalho O gesto brincar para desver a casa.

Um outro viés de contato e convivência com a cor, que eu também tenho experimentado na prática, ainda que informalmente.

Como artista, eu poderia me apropriar da cor e da materialidade sem passar pelo viés da saúde. Mas como pessoa que lida/vai lidar com a herança dos traumas pela vida toda, não. Então acolho esse meio: minha prática artística parece atuar na intersecção entre a prática autobiográfica e a prática terapêutica. É daqui que parte o meu envermelhecer, convocando tanto o estímulo físico/sensorial provocado pelo vermelho material, quanto o estímulo emocional/psicológico provocado pelo vermelho imaterial.

Eu preciso da coragem, do estímulo, do fortalecimento, do vermelho. É na grandeza do vermelho, por exemplo, que eu encontro a minha grandeza para transformar um espaço expositivo inteiro na extensão do meu corpo, como demonstrei na residência artística *Habitar o vermelho*. Ali eu me empoderei e transbordei.

Tomando emprestadas as palavras de Viviane Matesco (2016, p. 135), ali, eu emprestei corpo ao vazio, dei corpo ao sentimento, e explorei forma, imagem e material “de maneira que a forma não

é mais vista como puro princípio de construção, o material não é apenas elemento neutro a ser explorado e a imagem não se constitui como conteúdo ou temática”. Ali, eu naveguei entre poesia e cura, entre a prática artística e a prática terapêutica, entre a exposição e a introspecção, entre a palavra e o corpo, entre a imagem e o corpo, entre o espaço e o corpo. Ali, tinha o meu corpo, as minhas materialidades e as minhas imaterialidades, o meu processo de cura e transcendência no envermelhecer.

Uma poética artística potente que leva a artistas como Chiharu Shiota ou Adrianna Eu.



Figura 17 (ao lado). Adrianna Eu. Um garimpo de si. 2009. Registro de finalização da montagem da obra. Fonte: perfil público da artista na rede social Instagram. Disponível em < https://www.instagram.com/p/CigAxwmPoXB/?img_index=1>. Acesso em 04 jan. 2024.

Depois dessa experiência produzindo no ExpoLab, eu entendo melhor as enormes performances que a Adrianna Eu faz para que suas instalações existam. São quilômetros de linha de costura vermelha que ela agrupa (uma camada), desenrola (outra camada), reagrupa nas mãos (outra camada), ordena do seu lado (outra camada) e depois ocupa o espaço. São várias camadas para colocar um corpo não explícito na obra, e um resultado incrível que me atravessa de maneiras completamente diferentes do que foi pra ela.

Garimpar deriva de grimpar- subir por terreno difícil.

Eu sempre me pergunto se há terreno mais assustador do que aquele que nos leva a nós mesmos.

A instalação “Um garimpo de si” é um convite a sonhar de olhos abertos... a adentrar nas vísceras daquilo que somos, daquilo que fomos nos tornando a partir de tudo o que nos atravessou nessa vida.

As diversas peneiras suspensas em seus movimentos de vai e vem, parecem buscar desesperadamente por algo que precisamos encontrar...

As escadas tentam nos levar pelos labirínticos e complexos caminhos do inconsciente, elas são negras como a noite, como os escuros dos olhos fechados de quando dormimos, ou como aquilo que velamos por não suportar.

É claro que há muitas camadas de leitura em uma obra e falar de garimpo em um país que vem sendo garimpado de tantas formas, a qualquer custo, me parece tão urgente quanto a própria pergunta que buscam as peneiras...
Quem somos nós e o que realmente queremos?
(Adrianna Eu, 2023)

E esse foi também um grande aprendizado desse processo na residência artística: aceitar que a obra para mim é uma coisa e para o outro é outra coisa, e tudo bem. Talvez essa seja mesmo a beleza da arte, que me move, que me cura, que fala por mim, mas chega no outro provocando outras camadas, outros sentimentos. Eu existi no fazer, não na exposição. Por isso foram 15 dias de processo e somente dois aberto ao público. Ainda assim, têm corpos se relacionando de uma outra maneira ali.

“A escrita é corpo”, me lembra Geruza Zelnys¹⁰. E

[...] observar a relação entre corpo e escrita em movimento coreográfico e orgânico cuja energia produzida se concentra no espaço hiperexcitado onde esses corpos se movimentam, contagiando, inclusive, os demais corpos que se encontram próximos (Zelnys, 2021, p. 88)

é uma outra forma de corpo não explícito presente em *Habitar o vermelho*.

¹⁰ Geruza Zelnys ministra o curso de Escrita Curativa desde 2014. Eu fiz o curso na edição deste ano, de agosto a outubro.

Durante todo o período desta pesquisa, a escrita curativa (Zelnys, 2021) esteve presente. Me chegava pela leitura das poesias curativas de Ryane Leão e Janaina Portella. Me chegava na escrita do diário de processos. E me chegava também na obra (figura 14), com a escrita fluida no papel manteiga, método que trago de Julia Panadés¹¹.



Figura 18. Julia Panadés. Registro de processos de desenhos de poema. 2023. Fonte: perfil público da artista na rede social Instagram. Disponível em <https://www.instagram.com/panadesjulia/p/COB2Cr2u_Fv/?img_index=1>. Acesso em 10 out. 2024.

¹¹ Julia Panadés ministra oficinas online de processos criativos. Em 2023, enquanto desenvolvia o pré-projeto desta pesquisa, eu participei da oficina ELA, A CRIAÇÃO: em Clarice Lispector e Louise Bourgeois, na qual Julia apresentou o método da criação fluida, que parte do meio e deixa fluir palavras e/ou traços de qualquer natureza, em 15 metros ininterruptos de papel manteiga, com material de escrita/desenho à nossa escolha. Eu escolhi nanquim e aquarela vermelhos.

Mas ao revisitar o diário específico da residência artística, apresentado parcialmente no capítulo *afluentes*, reafirmo que ela se tornou parte fundamental do meu processo. Geruza Zelnys (2021) me ensinou, no seu método de escrita curativa, que o papel pode ser o palco para os embates seguros com as situações traumáticas que precisamos elaborar. Mas o papel branco não sustentou o que eu precisava. Foi preciso envermelhecer a escrita para atingir a segurança que eu precisava. E, assim como aconteceu com o autorretrato, a palavra vermelha transbordou, me mostrando novamente que meu palco seguro para os embates não está no papel, está no vermelho. Por isso consegui exercitar os meus embates tanto nas folhas do diário quanto nas paredes do espaço. Por isso *afluentes* é escrita e ainda assim é movimento, é mergulho, é corpo em processo de (re)conhecimento, de cura e de transcendência.

Louise [Bourgeois] considera que, embora o processo de fazer arte não ofereça ao artista uma cura permanente, pelo menos concede-lhe um alívio momentâneo ou exorcismo de traumas passados. Neste mergulho profundo em seu inconsciente, o artista paradoxalmente desenvolve a capacidade de criar imagens poderosas de significado universal (Valls, 2021, p. 9).

Eu mergulhei fundo no meu inconsciente. E não sei, realmente, se atingi uma cura permanente. Mas eu costurei, nessa pesquisa, a prática artística autobiográfica, a escrita curativa, a prática terapêutica. As memórias afetivas da infância, as memórias

traumáticas, as memórias futuras. Os congelamentos, os atravessamentos, os movimentos. O breu, a luz, o vermelho. O desenho, a palavra, a imagem. A fotografia, a instalação, a performance. A angústia, o acolhimento, a segurança. A dor, a cura, a transcendência.

Essas relações foram e serão indissociáveis no meu processo artístico. Ainda que lá atrás, na criança, ou na caloura de artes visuais, eu não soubesse que era disso que se tratava. Ainda que agora, a um passo da conclusão, eu não saiba dos processos e interesses futuros. Importa o agora. O corpo presente, ativo, pulsante, vivo, que o vermelho estimula.

O que a arte me oferece, neste momento, é esse mergulho para habitar o meu lugar seguro: o vermelho. E de lá posso voar para qualquer outro lugar. Então, se para uma pesquisadora de corpo fragmentado, a costura será sempre uma prioridade, pergunto ao fio vermelho: para onde vamos agora?

Figura 19 (página seguinte). Thaysa Alarcão. Processos com cordão de algodão vermelho no contexto da residência Habitar o vermelho. 2024. Experimentações com cordão em dor, cura e transcendência. Acervo da artista.



REFERÊNCIAS

ADRIANNA EU. **Um garimpo de si**. Rio de Janeiro: 14 set. 2022. Instagram: Adrianna Eu @adrianna.eu. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CigAxwmPoXB/?img_index=1>. Acesso em 4 jan. 2024.

AWOYAMA, Sílvia Móbille. AWOYAMA, Bianca Móbille. MENDES, Alessandro Ribeiro. COELHO, Matheus Diniz Gonçalves. As linhas de ação da cromoterapia e os efeitos nos tecidos biológicos. **Revista FT**, [S.I.], v.27, ed. 128, nov. 2023. Disponível em < <https://revistaft.com.br/as-linhas-de-acao-da-cromoterapia-e-os-efeitos-nos-tecidos-biologicos/>>. Acesso em 02 nov. 2024.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

FRASER, Tom; BANKS, Adam. **O guia completo da cor**. São Paulo: Senac São Paulo, 2007.

GRACA, Fatima Regina Flório Cesar de Alencastro; FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. O coração gelado: estratégias de sobrevivência psíquica a traumatismos severos. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 51, n. 95, p. 73-88, dez. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352018000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 12 set. 2024.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo: G. Gili, 2012.

JULIA PANADÉS. [S. I.]. Belo Horizonte: 24 nov. 2023. Instagram: Julia Panadés @ panadesjulia. Disponível em < https://www.instagram.com/panadesjulia/p/C0B2Cr2u_Fv/?img_index=1>. Acesso em 10 out. 2024.

KAUR, Rupi. **Milk and honey**. 10th anniversary ed. Kansas City: Andrews McMeel Publishing, 2023.

LEÃO, Ryane. **Jamais peço desculpas por me derramar**: poemas de amor e libertação. São Paulo: Planeta, 2019.

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima**. 22. ed. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LEOBAS, Rafaela Dourado. **Da cor o que sinto**. 2023. 47 p. Artes Visuais – FAV/UFG, Goiânia, 2023.

MATESCO, Viviane. **Em torno do corpo**. Niterói: PPGCA-UFF, 2016.

NETO, E. B. Trauma e Arte: Do Vazio à Elaboração de Sentido. **Revista Subjetividades**, [S. l.], v. 20, n. 2, e8691. Publicado online: 15/10/2020, 2020. DOI:10.5020/23590777.rs.v20i2.e8691. Disponível em: <<https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e8691>>. Acesso em: 18 ago. 2024.

SOUNDTRACK. Direção de 300ml. Brasil: Ananã Produções, Zohar, 300ml, 2017. Longa Metragem (112min.). 1DVD.

PORTELLA, Janaina. **Magia elemental**. São Paulo: Alfabeto, 2020.

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. **Porto Arte: Revista de Artes Visuais**, [S.I.], v. 7, n. 13, p. 81-95, nov. 1996. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/27713>>. Acesso em: 05 nov. 2024.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Pesquisa autobiográfica em arte: apontamentos iniciais. **Revista Nós: cultura, estética e linguagens**, v. 6, n. 1, 2021.

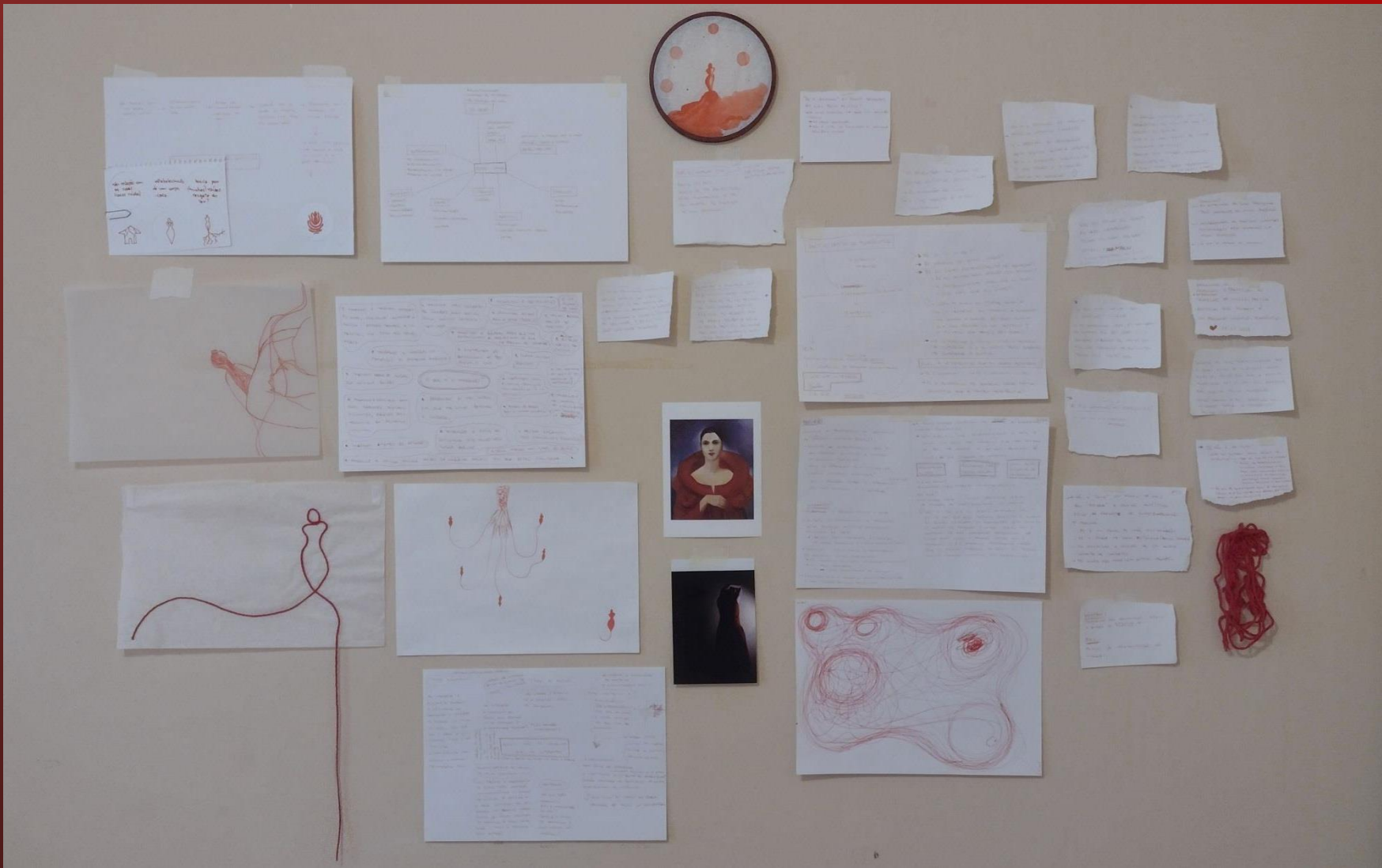
TVARDOVSKAS, Luana Saturnino. Autobiografia nas artes visuais: feminismos e reconfigurações da intimidade. **Labrys, estudos feministas**, [S.I.], n. 17, janeiro/junho 2010. Disponível em <<https://www.labrys.net.br/labrys17/arte/luana.htm>>. Acesso em 30 set. 2024.

ZELNYS, Geruza. **A Escrita Curativa**. Ou de como voar com asas quebradas. Parte 1. São Paulo: Fábrica de cânones, 2021.

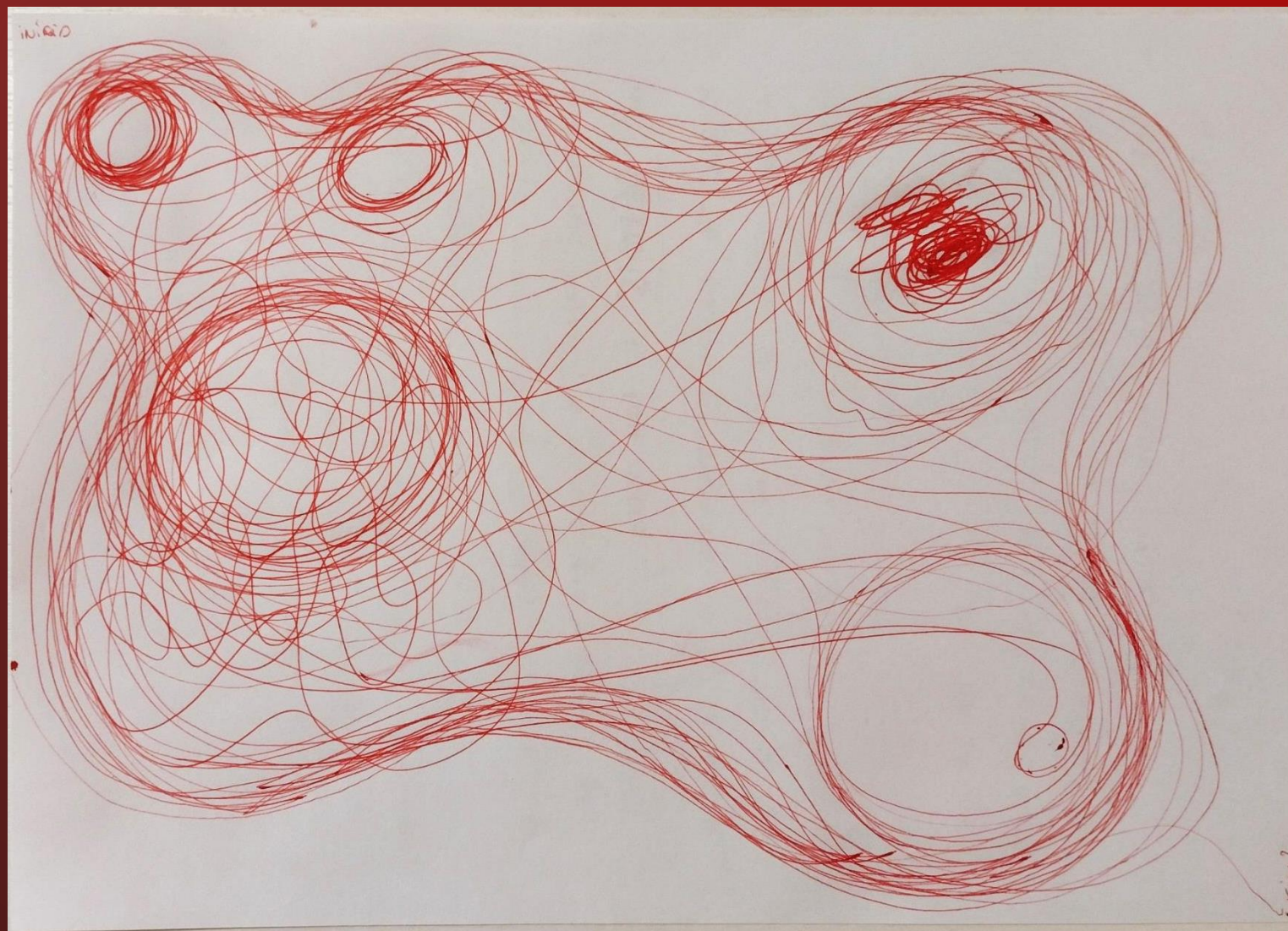
MARINA ABRAMOV. **The Artist Is Present**. 2010. Registro de um dos momentos da performance. [S.I.]. Fonte: MoMA - The Museum of Modern Art. Disponível em <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/964?installation_image_index=121>. Acesso em 10 out. 2024.

VALLS, A. A estrutura do trauma na estética de Louise Bourgeois: Cell (Choisy) (1990-3). **PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais**, v.26, n. 45, 2021.

APÊNDICES



Diário de notas, sobre estruturação da pesquisa, na parede do ateliê.



Me respondendo/performando o processo de pesquisa em arte.

22/10/24

! como eu lido com asas quebradas?
EUFORICAMENTE SENDO.

ESCRITA CURATIVA - ENCRAMAMENTO

* LEITURA CURATIVA

* OUTRA PESSOA: EJA. PRA VER ^{UM} ~~ESSA~~ ESPILHO.

→ EU SEMPRE LIDO CONVIVER COM COISAS QUE
ME NASCERAM / APARECERAM. PRECISO APRENDER
A TRANSBORDAR.

→ A GENTE SEMPRE VAI MERGULHAR NAS
NOSSAS SINGULARIDADES. EU PRECISO
APRENDER * AVIARIA

* ESQUIZOANÁLISE

→ DEPOIS Q DOU FORMA,
PRECISO APROFUNDAR (NO PUNCTUM)
O GERAL NUNCA ME LÊ, MAS
NO PARTICULAR OUTRAS PESSOAS SE
CONECTAM.

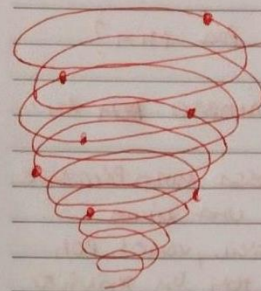
A ESCRITA É A ARTE DO NARRAR, DA
NARRATIVA,

OUO EU ENTENDER ISSO EU VOU
CONSTRUIR POR VOZ PRO PÉ, PRA

tilibra ~~ESSA~~ VOZ SUBALTERNA.

MOOD AIBAS → DANÇA E PERFORMANCE

11



→ A GENTE PASA
PELO TRAUMA DE ADO
MAS NUMA ESPIRAL,
ENTÃO DE ATUAÇÕES
DIFERENTES.

* ENTIDADE ATUAL

- ESSA É A VOZ QUE PRECISO OUVIR

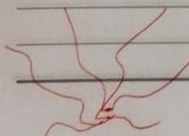
"TÁ TUDO BEM"

→ EU TENHO AS ASAS QUEBRADAS E TÁ TUDO BEM

→ EJA ISSO Q EU PRECISO

TEH OUVIR. MAS EU CONSEGUI ME DIZER
ISSO AGORA.

! TUDO Q PARECE UM PROBLEMA, É ONDE A GENTE
CONSEGUE POTENCIALIZAR.



→ O CORPO ME AJUDA A COLOCAR
TUDO NA MESA, E TÁ TUDO
BEM OLHANDO PRA ISSO
AGORA.

tilibra



habitar o vermelho

discente:
Thaysa Alarcão

orientação:
Dra. Manoela dos A. Alonso Rodrigues
Instituto de Práticas Artísticas Audiovisuais - Linha 1: Materialidades e
materialidades audiovisuais nas práticas artísticas e processos de criação

Por duas semanas, o espaço do ExpoLab esteve em uso restrito pela artista para desenvolvimento de uma residência individual, inspirada pelo estudo de um site specific com o fio vermelho.

Esse trabalho faz parte das atividades desenvolvidas pela discente durante o processo artístico pesquisado no TCC em Artes Visuais Bacharelado. O que consta na sala, agora, é parte do processo da artista durante esse habitar. Rastros sutis de um processo intenso que se abre brevemente para visitação.

19 a 31/08: residência artística individual
02/09: roda de conversa com integrantes do NuPAA - Linha 1 (atividade restrita ao grupo de pesquisa)
03/09: abertura ao público geral



Identificação do uso do espaço para a residência artística, fixada na porta externa do ExpoLab/FAV.

